

Liberal, Márcia Mello Costa De

Religiao e identidade nas sociedades modernas

V Jornadas de Sociología de la UNLP

10, 11 y 12 de diciembre de 2008

Cita sugerida:

Liberal, M. (2008). Religiao e identidade nas sociedades modernas. V Jornadas de Sociología de la UNLP, 10, 11 y 12 de diciembre de 2008, La Plata, Argentina. En Memoria Académica. Disponible en:

http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.5991/ev.5991.pdf

Documento disponible para su consulta y descarga en **Memoria Académica**, repositorio institucional de la **Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE)** de la **Universidad Nacional de La Plata**. Gestionado por **Bibhuma**, biblioteca de la FaHCE.

Para más información consulte los sitios:

<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar>

<http://www.bibhuma.fahce.unlp.edu.ar>



Esta obra está bajo licencia 2.5 de Creative Commons Argentina.
Atribución-No comercial-Sin obras derivadas 2.5

RELIGIÃO E IDENTIDADE NAS SOCIEDADES MODERNAS

Márcia Mello Costa De Liberal¹

Universidade Presbiteriana Mackenzie

email: deliberal@uol.com.br

Resumo: A proposta deste artigo é refletir sobre a influência da religião na formação da identidade do indivíduo, em vista da construção da justiça social que nasce da adesão e prática religiosa. Este é um tipo de abordagem que pode nos conduzir a uma armadilha epistemológica, uma vez que, falar da realidade singular, a nosso juízo, é correr o risco de isolar o indivíduo dos demais contextos. Temos a convicção de que o indivíduo está sempre sujeito às influências do contexto sociocultural e religioso em que se encontra inserido. Da mesma forma, entendemos a religião sendo concebida no âmbito das diferentes relações sociais e, não obstante suas peculiaridades, esses fenômenos mantêm ligações recíprocas. Assim, como a identidade interfere na religião e vice-versa, a religião também interfere nas demais dimensões sociais e é por elas influenciada. Não intentamos analisar a face múltipla da realidade e do fenômeno religioso, que tomamos como um fato dado, mas sim, nossa análise concebe que o indivíduo está exposto a uma multiplicidade de variáveis que exige dele um contínuo desempenho de papéis. Na tentativa de verificar a importância da religião na construção da realidade do indivíduo, verificamos a necessidade de explicitar conceitos que ajudem a situar nossa reflexão. Entre os sentidos básicos que tomamos como pontos de referência, destacamos a premissa de que a realidade é construída socialmente e que compete à sociologia do conhecimento analisar este processo

Palavras-chave: Religião, Identidade, Modernidade.

¹ É pós-doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Doutora em Sociologia pela Universidade Técnica de Lisboa. É docente e pesquisadora no Mestrado em Ciências da Religião e na Escola Superior de Teologia, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – Brasil. É, também, docente no curso de Comunicação Social, das Faculdades Integradas Rio Branco, São Paulo – Brasil.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procurará focalizar a influência da religião sobre o contexto sócio-cultural e formação da identidade do ser humano, e no ângulo oposto destacará múltiplas variáveis sociais que podem refletir sobre o desempenho individual.

Entre os sentidos básicos tomados como referência, partiremos da premissa de que a realidade individual é socialmente construída.

Para melhor esclarecer nosso pensamento, enveredaremos pela análise dos conceitos básicos da sociologia do conhecimento, tais como: realidade, vida cotidiana, linguagem, interação social e desempenho pessoal. Objetivamos, assim, validar o tema inicial e situar, com clareza nossa reflexão. O embasamento teórico da sociologia do conhecimento parece-nos de utilidade para que possamos compreender a construção da realidade concebida dentro de uma moldura concreta da situação histórico-social da qual emerge, paulatinamente, o pensamento individual diferenciado.

Destacaremos a importância da linguagem como instrumento imprescindível para a formação do ser humano, pois, é através dela que nos relacionamos com nossos semelhantes são determinadas as linhas mestras da vida em sociedade. Daremos, também, ênfase ao valor da interação como elemento modelador do comportamento pessoal.

Num segundo momento, refletiremos sobre a importância da religião como força poderosa que possibilita as construções sociais da realidade influenciando também no desempenho do ser humano, uma vez que, muitas de nossas ações são delineadas pelo grupo religioso ao qual pertencemos, sendo através dessas ações que o sistema religioso se perpetuará.

Analisaremos, também, o impacto dos tempos hodiernos sobre o contexto sócio-cultural e religioso procurando objetivar, de uma forma mais detalhada, determinadas características da religião como reflexo do processo de globalização de nosso tempo.

Como fruto de nossas reflexões teóricas sobre a modernidade e a religião na sociedade contemporânea, daremos destaque à diluição de fronteiras entre as diferentes vertentes religiosas, ao sincretismo religioso que hoje constatamos, especialmente, no Brasil, em que há uma visível fusão de rituais e uma maior participação dos membros nas atividades eclesiais.

Enfatizaremos, de igual modo, a unificação de mensagens entre as religiões, objetivando temas de interesse social universal, preocupadas com a preservação de direitos

humanos, do ecossistema, e pugnando pela justiça social e pela tão almejada paz entre os homens.

1. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Nosso trabalho tomará como ponto de partida a premissa de que a identidade individual é o reflexo das múltiplas influências do contexto sócio-cultural religioso, onde o ser humano está inserido. Ao concebermos que a realidade é construída socialmente, emerge a assertiva de que compete à sociologia do conhecimento a análise e explicação dessa construção.

Para ancorar nossa reflexão, sentimos a necessidade de esclarecer alguns conceitos básicos da sociologia do conhecimento: realidade, vida cotidiana, linguagem, interação social e desempenho pessoal.

A sociologia do conhecimento para explicar os fenômenos sociais, afirma que linguagem e religião são fatores importantes:

[...] a sociologia do conhecimento leva a conclusão de que a sociologia da linguagem e da religião, não deve ser considerada periférica de pequeno interesse para a teoria sociológica enquanto tal, mas podem fazer contribuições essenciais para ela. (Berger e Luckmann, 1985:242).

A sociologia do conhecimento parte da análise da interpretação da realidade, uma vez que, aquilo que poderá ser real e válido para um ser humano, num determinado contexto histórico e geográfico, poderá não o ser real para um monge tibetano, não terá o mesmo sentido para um religioso inserido na cultura ocidental; o conhecimento das leis de um jurista será, indubitavelmente, muito diverso daquele compreendido por um transgressor, um criminoso.

Os conceitos de realidade de um determinado ambiente poderão ser muito diferentes, com variações semânticas dos de outros ambientes sócio-culturais.

Cada sociedade tem uma realidade *sui generes* e para conhecê-la é necessário desvendarmos como essa realidade foi construída. Berger define a realidade como “qualidade pertencente aos fenômenos que reconhecemos existirem, independentemente de nosso conhecimento”.

Para esse autor, cada ser humano vive num mundo que é “real” para ele e “conhecer” com diferentes níveis de certeza as características especiais desse mundo. A vida cotidiana é uma realidade interpretada pelo ser humano que lhe atribui um sentido subjetivo em concordância com o contexto histórico-geográfico cultural em que vive.

A realidade da vida cotidiana antecede a nosso nascimento, pois é constituída por uma série de objetivações pré-existentes à nossa existência. A vida cotidiana está estreitamente relacionada com o ser humano,

[...] o cotidiano não se define como inautenticidade da vida humana; pelo contrário, não existe pessoa humana sem cotidiano. Nele, além de as pessoas procurarem equacionar suas vidas, estão as manifestações do homem genérico, que procura centralizar energias numa objetivação duradoura, suspende a heterogeneidade e assume a homogeneidade, ultrapassando o mesmo cotidiano [...] O cotidiano sozinho não altera a infra e a supra-estrutura, mas cria as bases para a formação de um acervo propício à transformação da sociedade. Ele é o espaço do fazer e refazer histórico. (Souza Neto, 2002: 128).

1.1.A Linguagem e a construção do ser humano

A linguagem é importante instrumento para a formação do indivíduo, uma vez que, é pela linguagem que nos relacionamos com nossos semelhantes, partilhamos nossa intersubjetividade nas rotinas do dia-a-dia e pelo conviver vamos adquirindo o conteúdo significativo das representações, das objetivações que nos antecederam e que nos circundam.

O significado das objetivações pré-existentes em nosso nascimento, os chamados arquétipos universais² vêm a ser conhecidos por nós, pela decodificação dos símbolos, o que ocorre pela mediação da linguagem! É a linguagem que faz com que os objetos que nos circundem passem a ser portadores de conteúdos significativos, que nos possibilitam o conhecimento da realidade. É a linguagem que atribui aos objetos, aos ícones, aos símbolos uma nomenclatura própria, de conformidade com o acervo vocabular do idioma, do contexto social em que vivermos.

A linguagem é que nos familiariza com o cotidiano e nos possibilita conhecer a realidade. O mundo cotidiano nos aparece como universo da interação simultânea, das objetivações oriundas de uma ordenação “natural”, o espaço do senso comum, modo de conhecer que partilhamos com nossos semelhantes, uns com os outros, no convívio dia-a-dia.

² Categorias estudadas, primeiramente, pelo psicólogo Carl Jung.

Essas afirmativas nos remetem ao pensamento de Berger e Luckmann (1985:246) que afirmam que “[...] a sociologia do conhecimento compreende a realidade humana como uma realidade socialmente construída”.

A linguagem é “o mais importante sistema de sinais da sociedade humana e, envolve um conjunto de convenções necessárias, socialmente adotadas, para permitir seu exercício pelos indivíduos” (Saussure, 1975: 17).

A linguagem é importante para a compreensão da realidade, pois as objetivações comuns da vida cotidiana são mantidas pela significação lingüística,

[...] o individuo através de sua percepção, pode apropriar-se do referente, mas necessita para exprimi-lo da conjunção do seu pensamento (significado) com os símbolos de sua cultura (significante). (Malanga, 2003:58).

Além da linguagem oral ou gráfica existem também outras formas importantes de comunicação através de meios eletrônicos (linguagem virtual), expressão corporal (mímica, gestual), expressão emocional (lágrimas, risos), formas artísticas, visuais ou sonoras, artes cênicas, etc. Há todo um sistema de sinais fruto da interação social. Existe um dissenso “[...] verbal, centrado nas palavras e não verbal, centrado na imagem, nos gestos, etc.” (Citelli, 1985:71).

A linguagem é o instrumento primordial de nossa interação com o outro e com os grupos sociais.

1.2. A importância da interação na ordem social

O ser humano se correlaciona com um ambiente, o qual possui uma ordem cultural e social *sui generis* específica, sendo submetido, continuamente, à interferência de seu semelhante.

Vivemos num mundo do senso comum, da vida cotidiana, que traz em seu bojo um corpo específico de conhecimento e em nossa interação com o outro, somos sempre influenciados pelo acervo social. Não existe pessoa humana sem história, sem linguagem, sem cotidiano. Nosso conhecimento é sempre estruturado nos moldes de interesses e conveniências de nossos pares.

Na afirmativa de Berger (2003), o *homo sapiens* é sempre na mesma medida *homo socius*. E, na vida cotidiana coexistem partilha de emoções, de regras, de valores, atos e costumes.

É através de nossa vivência experiencial, através da interação com os demais que podemos capturar o outro. A interface com nossos semelhantes estabelece a possibilidade do encontro de subjetividade que se abrem para um contínuo intercâmbio de conhecimentos e experiências. Além da interação primária (face à face), podem existir outras que também nos influenciem, são as interações remotas, presentes nas relações sociais como cartas, fax, telefonemas, e-mails, imagens televisivas e outras.

A mídia possibilita-nos o contato com manifestações humanas como a alegria, o sofrimento, encontros e desencontros; conflitos, impactos de ordem social, política, econômica, cultural e religiosa, bem como nos demonstram as reações de pessoas humanas; vozes de cumplicidade, contestação, clamores, apelos, etc. No cotidiano deparamos com as reais necessidades do ser humano.

Como o ser humano é por essência um ser gregário, é através das relações simultâneas com outros membros da sociedade que partilhamos nossas experiências vivenciais; através da interação adquirimos todo o acervo significativo das representações que nos precederam ou que nos circundam. Existem nas interfaces de nosso relacionamento um contínuo intercâmbio de nossos conhecimentos e experiências; no entanto não existem somente relações de contemporaneidade; há relações também com os que nos antecederam e com os que nos sucederão na história da sociedade em que transitamos.

A ordem social apresenta características específicas, fruto da ação humana as quais são as balizadoras de nosso comportamento, de nossas ações que apresentarão similitude com os padrões impostos em uma determinada sociedade. O ser humano não poderá ser entendido em sua totalidade se o distanciarmos do contexto social em que vive.

O sentido de nossas ações passa a ser introjetado pelo homem, nosso agir estará condicionado, de uma forma geral, a esquemas tipificadores que caracterizam o grupo social em que vivemos.

A interação estabelece influências recíprocas, não só somos influenciados por nossos pares, mas nossos atos também poderão influenciar os demais membros com os quais convivemos. Determinados códigos e decodificadores sociais passam a fundamentar nossa interpretação dos fatos.

1.3. A instituição é geratriz do modelo de desempenho pessoal

A ordem social que nos circunda é produzida pelo ser humano e sua construção é fruto de um longo processo de exteriorização. O sentido de nossas ações habituais é introjetado através de nossas experiências vivenciadas que o transforma em uma rotina, pois as ações passam a ser realizadas naturalmente. Quando essas ações são exercidas reciprocamente pelos atores de um determinado grupo social, tornam-se matrizes da institucionalização; para Berger (2003), “[...] a instituição pode ser definida como complexo específico de ações sociais”.

O mundo institucional precede à existência do indivíduo, sendo-lhe transmitido de forma objetiva, pelos grupos e organizações primárias e secundárias. A objetividade das instituições é produto do próprio homem, e não se constitui sua herança genética.

Toda instituição terá sempre um corpo de conhecimentos, transmitidos à geração vindoura, constituído de um conjunto de regras e normas de comportamento institucionalmente adequadas. As diferenciações de atitudes ocorrem ao longo da interação social, de conformidade com a diversificação de papéis sociais que os membros de uma comunidade deverão desempenhar. Quanto mais suas atitudes passarem a ser institucionalizadas, maior será o controle social exercido pela própria instituição, que exigirá de seus membros um desempenho em consonância com interesses e valores dessa determinada comunidade.

As instituições irão determinar o rol de papéis de cada ator no contexto social em que está inserido; papéis representam, portanto o reflexo da ordem institucional.

Em relação ao desempenho do indivíduo na vida cotidiana, considera Berger que o indivíduo consolida suas representações a partir dos papéis que lhe são atribuídos pelas instituições. A eficácia no desempenho dos papéis expressará a coerência do indivíduo com o exigido pelas instituições; ele terá sucesso se conseguir ajustar-se aos padrões comportamentais dele esperados em seu grupo social.

Ao longo de nossa existência desempenhamos uma multiplicidade de papéis: filho, pai, genro, avô, marido, profissional, entre outros; o indivíduo pode ter sucesso em alguns papéis e apresentar atuação ineficiente em outros. Mas, muitas vezes, os papéis que simultaneamente devemos representar podem colidir uns com os outros e demonstrarem uma incoerência recíproca.

As atividades desenvolvidas pelos indivíduos, nos diferentes setores em que atuam, geram tipos de comportamento regidos por mecanismos de correção ou eliminação dos desvios, transformados em rituais institucionalizados que serão as balizas de orientação de nossa conduta. Os rituais institucionalizados podem recompensar, corrigir ou excluir o indivíduo.

A instituição transmite suas concepções e valores aos mais jovens e determina seu próprio sistema de ensino. A instituição não só reproduz o conhecimento da realidade como também o produz como agente de correção e exclusão dos desvios comportamentais.

Para alcançar o máximo de eficácia no grupo, o indivíduo não apenas avalia seu desempenho como, também, confronta seu sucesso com a tipificação dos papéis institucionalizados. Ele reflete sobre a realidade instituída e atua sobre ela, a fim de legitimá-la objetiva e subjetivamente, procurando modificar seu desempenho, se considerar essa mudança importante para obter mais sucesso. Ele é tanto o paciente quanto o agente transformador da realidade institucional, cuja eficácia deve promover. (cf. Berger, 1985:127).

Assim como sofre a influência da realidade já instituída, o indivíduo é autor de mudanças e, portanto, seu sujeito e objeto.

Pelo exposto vimos como as instituições podem influenciar a construção da realidade, e podemos agora passar a considerar o reflexo da instituição religiosa na formação da identidade.

2. REFLEXO DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE

Entre as diversas vertentes religiosas que podem exercer influência na construção do ser humano, tomaremos como exemplo o fundamentalismo estético. Entende-se o fundamentalismo como um movimento religioso evangélico que se propõe à preservação das bases da fé cristã contra os perigos de novas formas de pensamento, objetivando manter a tradição, preservando verdades fundamentais: a autoridade inequívoca da Bíblia, a inspiração divina, a divindade de Jesus Cristo, e a importância dos sacramentos.

O fundamentalismo defende os dogmas da fé cristã, podendo ser considerado como um movimento teológico conservador, que se lastreia tanto nas instituições quanto nas pessoas.

[...] vários mecanismos e canais, o fundamentalismo pode ser detectado em pessoas e instituições por atitudes perceptíveis e crenças muito claras: a)

gosto exagerado pelas profecias, com o abandono relativo dos demais quadros básicos da fé cristã; b) expectativa permanente da volta de Jesus Cristo; c) insistência em sinais; d) insistência em quadros referenciais de doutrinas que possam transmitir segurança, ou melhor, respeito pela reta doutrina (dogmatismo); e) desconfiança para com a ciência e toda forma de saber que não tenha referencial bíblico; f) certeza de que os que não compartilham com seus pontos de vista religiosos não são absolutamente cristãos (Mendonça e Velásquez, 2002:141).

O fundamentalismo assenta-se na fé, no sagrado, no sobrenatural, em suma, alicerça-se em verdades bíblicas que considera fundamentais (Mendonça, 1995:37), produzindo uma exegese que adota o sagrado em função da necessidade de legitimar a instituição, ou seja, joga com a linguagem que reforça a realidade fragmentária e tensionadora. Para os fundamentalistas, o conteúdo da Bíblia possui rigorosa objetividade e pode ser transmitido como tal a todas as gerações, no universo inteiro. No fundamentalismo bíblico,

[...] se a interpretação literal de um texto opõe-se à verdade ‘fundamental’, estabelecida previamente, a hermenêutica fundamentalista substitui esta interpretação literal pela interpretação alegórica. O que importa é manter a verdade ‘fundamental’, mesmo contra o texto bíblico. Daqui se conclui que é a conveniência que decide sobre a interpretação alegórica ou literal de um texto [...] O fundamentalismo se notabiliza também por sua intolerância: ao acreditar na posse da verdade, não vê sentido no diálogo com os que não afirmam a mesma verdade (Mendonça e Velásquez Filho, 2002: 147-148).

O fundamentalismo adota um conjunto de regras para a produção de uma linguagem auto-legitimadora. Não há possibilidade de diálogo com o fundamentalismo, a não ser dentro do seu jogo próprio de linguagens.

A seguir veremos reflexões, sobre o fundamentalismo de alguns autores conceituados.

O fundamentalismo estético atua sobre os sentidos, provocando impressões sensoriais pela beleza da arte religiosa. No estético, situamos não apenas a “[...] ciência (filosófica) da arte e do belo” (Abbagnano, 2000:367), mas a sensualidade que atinge os sentidos humanos, pelo uso dos sons, palmas, hinos, aleluias e de todas as formas que alimentam a ligação do homem com o sagrado. Trata-se de “[...] um conjunto de regras capazes de dirigir a atividade humana” (op. cit., 2000:81), potencializadora dos sentidos e que se expressam por meio de jogos de linguagem místicos.

O fundamentalismo estético é para Fromm, uma “religião cibernética” de caráter “mercantil”. O indivíduo é apenas uma peça da engrenagem de quem se espera a transmissão

dos valores institucionais; é apenas uma linha de programação do *software* religioso. Espera-se que o indivíduo tenha respostas prontas e não questione os dogmas, e tenha uma eficácia máxima, “ser a casa e obra de Deus”, ter “santidade e perfeição”.

O pecado e a heresia são a chave para a manutenção do domínio institucional sobre o indivíduo. Somem-se a isso, os olhos de instituição sobre a vida do crente, a família do crente, o trabalho do crente, etc., e poderemos ver um indivíduo fragmentado pelo medo do inferno e sobrecarregado de culpas. Os indivíduos são dominados, circunscritos a ações determinadas somente pela religião.

Para Fromm, a religião fundamentalista apresenta uma feição mercantil, que se expressa por meio de uma tecnologia de consumo da coisa sacra. Citamos como exemplo a “teologia da prosperidade”, pela qual o crente ao pagar seus dízimos e fazer contribuições econômicas à instituição determina uma obrigatoriedade divina para com sua prosperidade individual. Existem ainda as constantes campanhas de prosperidade, cura, restauração e vitória, que mobilizam o indivíduo a ir a “casa de Deus”, para ouvir o “ungido do Senhor”, o qual apresentara a “palavra de Jeová”, que uma vez obedecida, promoverá milagres em sua vida cotidiana.

O fundamentalismo estético religioso pode, portanto, ser considerado como agente ativo na formação do indivíduo em correspondência com nossa proposta de que a religião é importante na construção do ser humano.

A influência da religião no comportamento humano pode ainda ser analisada sob duplo aspecto: às vezes, funcionar como elemento incitador da violência, hajam visto os acontecimentos das Torres Gêmeas, quando o fanatismo religioso gerou violência que vitimou inúmeras pessoas, ou pode atuar como elemento pacificador, apaziguador e até mesmo acalmar os ânimos e conduzir o ser humano à superação das diferenças, das desavenças pessoais, chegando até o perdão preconizado por Cristo. Quando voltamos os olhos para a experiência religiosa, vê-se confirmar que nas “religiões” tanto se pode sublimar, diminuir, purificar a violência, como se acentua e até radicaliza-se como, por exemplo, na atitude de Bin Laden e seus adeptos.

A influência da religião pode promover ações altruístas como, por exemplo, engajamento em campanhas de combate às injustiças sociais, hajam visto os atos de líderes como Ghandi, Luther King, Madre Tereza de Calcutá e muitos outros que são construtores da paz e da harmonia.

A fé cristã preconiza o perdão e a justiça social através da concretização do amor. São Paulo escreve em sua primeira carta aos cristãos na cidade de Corinto: “... ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou. Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me aproveite”.

Para os cristãos não há fé, sem amor ao próximo; a religião cristã ensina o ser humano à prática de atos de humanidade, de respeito aos direitos dos outros, de solidariedade, em consonância com os ensinamentos da palavra de Jesus, ancorada nos sentimentos de amor e fraternidade. O comportamento do indivíduo está intrinsecamente ligado às suas crenças religiosas, à religião que professa.

Há, em todo universo, pessoas beneméritas imbuídas do espírito de religiosidade, quer sejam católicas, evangélicas, pentecostais, espíritas ou que professem credos múltiplos, que envidam esforços para espargir o bem, prestando um grande serviço à humanidade, portanto em suas mãos a bandeira da justiça social. E, há em todo mundo organizações que evidenciam a importância da religião para fortalecer laços individuais e coletivos a fim de chegar à tão almejada paz.

Por essas considerações vemos que muitas de nossas ações são delineadas pelo grupo religioso ao qual pertencemos, pois, o sistema religioso se perpetua através dos atos de seus membros, portanto as convicções religiosas são grande impulsionadoras de desempenhos individuais e sociais.

Para Berger, a religião é força poderosa que torna plausíveis e duradouras as construções sociais da realidade. A religião é, indubitavelmente, um agente impulsionador da construção do ser humano; tal afirmativa pode ser corroborada também sob a ótica da psicologia.

Conforme o pensamento de Jung há em cada ser humano uma dimensão religiosa, que estando presente em nossa psique, será capaz de nortear nossas ações.

[...] o arquétipo das idéias religiosas possui como todo instinto, a sua energia específica, que ele não perde ainda que sua consciência o ignore. Assim como ser afirmado com a maior probabilidade que todo ser humano possui, todas as funções e qualidades médias, podemos supor a presença de fatores religiosos normais (Jung, 2003: 76).

O pensamento religioso, indiscutivelmente, tem sua origem na alma humana e se expressa através de uma *imago dei*, uma deidade interna. O arquétipo da religiosidade,

denominado *silfo* é onde se encontram as forças necessárias para o ajustamento do indivíduo para vencer os óbices da existência. A dimensão religiosa existente no mais profundo do ser humano pode influenciá-lo positivamente, fornecendo-lhe um sentido da vida, desde que o ser humano possa captar as vozes de seu *self*. O pensamento religioso pode ser considerado como o centro de toda a personalidade, capaz de orientar, dirigir e dar sentido a vida, conduzindo o indivíduo a sua autonomia. A religião é o arquétipo impulsionador pois, é o impulso emanado da *imago-dei* impressa no mais profundo de nosso ser.

Pela análise sob o enfoque psicológico, também, se reforça a idéia da religião como a batuta de nossas ações.

2.1. Impacto da modernidade sobre religião e identidade

Ao iniciarmos a análise da influência dos tempos modernos na religião é importante que se reflita sobre o fenômeno da globalização como um processo de rápidas mudanças na sociedade, diluindo fronteiras, encolhendo o tempo e promovendo a tendência à perda de identidade e como esse processo se reflete na religião.

De conformidade com Parker, citado por Oro e Steid (1999:16),

[...] a globalização é um processo dialético que articula a consciência crescente de que vivemos num mundo global com um localismo afirmativo de valores e tradições arraigadas em laços concretos de sangue, raça, religião, território, etc.; que produziram a secularização como movimento dominante no campo religioso e a sincretização de crenças e suas rearticulações em formas diversas.

Ressalta que uma das conseqüências religiosas do rápido processo de modernização se caracteriza em desfiliação institucional das igrejas.

A globalização, sob a ótica de Pace (apud Oro e Steid, 1999) produz um desenraizamento, que ataca as imagens estáveis do mundo, os silos da memória coletiva, os filtros que permitem ao indivíduo sentir-se à vontade em seu próprio lar, produzindo certo relativismo no terreno social e político, com repercussão também no sistema religioso.

Há entre as várias religiões menor desconfiança e maior respeito recíproco. As sociedades modernas apresentam mudanças constantes e céleres. Conforme cita Giddens apud Hall (2003:14)

Nas sociedades tradicionais, os símbolos e o passado são venerados porque contêm e perpetuam a experiência de geração. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço inserindo qualquer atividade particular na continuidade do passado, presente e futuro.

Na modernidade, em consequência de mudanças rápidas e contínuas as práticas sociais, o comportamento humano, inclusive na área da religião, sofrem reformulações constantes, à luz das informações recebidas sobre aquelas mesmas práticas. Essas múltiplas alterações modificam construtivamente as atitudes dos seres humanos.

A modernidade implica em “... um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente, caracterizada por um processo sem-fim de rupturas e fragmentação internas”. (Harvey, apud Hall, 2003:16)).

As sociedades modernas são constantemente atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que causam posições variáveis do sujeito, isto é, produzindo alterações de identidade para os indivíduos.

Na era da modernidade e da globalização “há um processo de composição e decomposição da identidade individual e coletiva que fragiliza os limites simbólicos de crença e pertencimento” (Oro e Steid, 1999). Há ainda profundas alterações nos conhecimentos, valores éticos, preferências do ser humano, portanto um processo modificador de forma devida das sociedades e das pessoas.

Prandi, apud Oro e Steid (1999:12) ressalta que

o processo de globalização na modernidade está produzindo alteração na religião, dando-lhe uma nova feição e lugar na sociedade [...] a religião passa a ser sem fronteiras e sem território, sem, contudo universal ou única [...] provocando um processo de decomposição e recomposição de identidades individuais e coletivas.

Na modernidade ocorreu uma quebra da hegemonia da religião católico-romana e surgiram outras instituições religiosas, evangélicas, pentecostais, etc. tendo havido a entrada de outros atores religiosos nos espaços públicos e, também, alteração na relação Estado-Sociedade (as constituições dão liberdade de credo). Houve a reinstitucionalização de grupos religiosos que apresentam fortes conteúdos identitários e emocionais.

Atualmente, no Brasil há um pluralismo religioso, em que existem diferentes matrizes religiosas; há uma miscigenação de religiões: católica, africana, indígena, em processo de

articulação, havendo contágio e impregnações mútuas, há, portanto, um movimento sincrético de articulação das religiões.

As consequências religiosas nesse rápido processo de modernização se caracterizam por crescente influência de uma religião difusa. Há, também, transformações nas religiões tradicionais para adaptarem-se às novas exigências, ampliando a participação dos fiéis na colaboração e celebração da missa, inclusive na distribuição da comunhão; há ainda a crescente participação de fiéis em pastorais e conselhos.

Existe menor desconfiança e hostilidade entre as várias religiões, surgindo ainda interstícios entre as grandes religiões históricas, nas quais se processam procedimentos de mestiçagem entre os símbolos e as práticas rituais de diferentes contextos religiosos. Tolerância entre religiões, manifestada através de concílios ecumênicos e unificação de mensagens unívocas objetivando a paz, os direitos humanos, a defesa do eco sistema, problemas comuns que interessam a todos os religiosos.

A própria igreja católica procura enfrentar o desafio de adaptar-se ao mundo moderno, procurando propor uma doutrina ética a todas as pessoas, procurando dar mais espaço ao particularismo das igrejas locais, diminuindo as pretensões centralistas de Roma.

Atualmente, a religião apresenta-se na vida das pessoas, como uma busca de um sentido para a existência sentido esse que poderá se localizar a margem das religiões de origem, podendo constituir-se na busca de sentido para além dos limites tradicionais que separam as diferentes religiões.

Na afirmativa de Pace (apud Oro e Steid, 1999) existe hoje uma *WORLD RELIGION*, visível e que pode fluir independentemente de prestação de contas às instituições tradicionais religiosas. Ou seja, “... as religiões são fontes de sentido, nos dizem o que é o mundo, como devemos nos colocar nele, aceitando-o, rejeitando-o, procurando sua transformação através da construção de nossa identidade.”.

As religiões fornecem modelos, não só de identidade do ser autônomo, no sentido de nos informar quem somos, mas propiciam ainda referenciais para nossas

[...] representações de direitos de igualdade, de justiça e por que não? De fraternidade que se não levam exatamente ao modelo de democracia que engendramos, não são menos portadores de utopia social (Monteiro, apud Oro e Steid, 1999:67).

Após todas essas considerações, finalmente resta-nos pensar a possibilidade, utópica, de uma religião transversal, que permeie a subjetividade do indivíduo, ainda que possua

caráter objetivo, estabelecendo uma dialética com as diversas realidades fragmentadas, conferindo uma coerência em sua vida. Uma religião que transcenda a estética e a institucionalização da crença, que possa buscar na fé no Santo-dos-santos a promessa e o testemunho de aliança.

Para Prandi, citado por Oro e Steil (1999:67),

As religiões valorizam os ideais de coletividade e os direitos coletivos acima dos individuais, pois crêem que existe um senso de justiça universal importante para transformar o mundo num lugar melhor para se viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após refletirmos sobre nossas ponderações acerca do tema proposto, inferimos que:

O ser humano não vive só, mas participa de um contexto sócio-cultural-religioso que lhe molda a identidade, definindo-lhe os papéis que deverá desempenhar, como ator, em seu universo vivencial.

Vimos que os valores sócio-culturais e religiosos interferem na construção da identidade dos seres humanos, sendo importantes balizas de nossa ação da qual estabelecem paradigmas. Somos também influenciados por fatores que precedem nossa existência; simultaneamente, ao sofrermos interferência dos grupos sociais em que estamos inseridos, também interferimos sobre os indivíduos que nos circundam e até sobre os vindouros, pois há sempre a transmissão de nossos valores às gerações que nos sucederão. Essas considerações corroboram e reforçam nossa assertiva inicial de que a identidade do ser humano é socialmente construída, uma vez que, a sociedade fornece os valores e exerce controle sobre nossas ações, que serão tanto mais valorizadas e aceitas, quanto mais estiverem de conformidade com os padrões comportamentais de nós esperados pelos que nos circundam.

Pudemos observar também que muitas de nossas ações são delineadas pelos grupos religiosos a que pertencemos, pois é através das ações de seus membros que o sistema religioso se perpetuará. As convicções religiosas são molas propulsoras de desempenhos sociais.

As religiões são pontos importantes, pois, nos fornecem modelos de identidade e nos propiciam pontos referenciais para entendermos os direitos humanos, para percebermos a importância de valores imateriais como igualdade, justiça e fraternidade.

Infere-se, ainda, ao focalizarmos a globalização e a religião que paradoxalmente um dos efeitos da globalização é eliminar fronteiras entre nações e religiões, ao promover o afrouxamento dos laços identitários nacionais, promove, num ângulo oposto, o fortalecimento dos laços individuais e comunitários, com forte repercussão na *performance* do ser humano, em busca de um mundo melhor. Há, na era da globalização maior diluição de fronteiras rígidas também entre os diferentes campos religiosos, maior respeito e tolerância entre os vários credos o que fica evidenciado nos encontros religiosos internacionais e nos concílios ecumênicos.

Há no espírito de religiosidade hodierna uma valorização dos ideais coletiva, aflorando uma unificação de mensagens enfatizando os direitos humanos, a defesa do ecossistema, a luta pela paz universal, extrapolando da esfera do religioso para estender-se ao campo de problemas humanos de interesse social.

A religião atualmente volta sua atenção para a eliminação das injustiças sociais, pugnando contra a exclusão social, contra a marginalização, objetivando a busca do viver harmonioso, da edificação da paz.

Vê-se atualmente um reflexo da modernidade, um pluralismo religioso, um sincretismo religioso, mestiçagem de rituais, sem dúvida refletindo o pluralismo de culturas e estilos de vida do universo contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4ª. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- BERGER, Peter L. , 2003.
- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ática, 1985.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- JUNG, Carl Gustav. **Escritos diversos**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MALANGA, Eliana Branco (org.). **Psicopedagogia e Semiologia: Uma Interdisciplinaridade produtiva**. São Paulo: Memnon, 2003.

MENDONÇA, Antônio G. **O Celeste Porvir – A Inserção do Protestantismo no Brasil.** São Paulo: Aste, 1995.

MENDONÇA, Antônio G. e VELÁSQUES, Prócoro Filho. **A Introdução ao Protestantismo no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto. **Globalização e Religião.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1975.

SOUZA NETO, João Clemente de Souza Neto. **Crianças e Adolescentes Abandonados: Estratégias de Sobrevivência.** 2ª. ed. São Paulo: Expressão e Arte/UNIFIEO, 2002.